

## A FORMAÇÃO DO JORNALISTA CIENTÍFICO DEVE INCORPORAR UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

*Wilson da Costa Bueno<sup>1</sup>*

**Resumo:** A formação do jornalista científico não deve incorporar apenas uma perspectiva técnica, mas conscientizá-lo sobre o seu papel no processo de alfabetização científica e de democratização do conhecimento científico. O profissional de imprensa que cobre C&T&I precisa ser capaz de produzir material jornalístico qualificado, mas ao mesmo tempo deve estar atento aos lobbies e aos interesses extra-científicos que constroem a produção e a divulgação científica.

**Palavras-chave:** Jornalismo Científico; Formação do jornalista científico; Lobby e Interesses Extracientíficos.

**Abstract:** The formation of the science journalist must not only incorporate a technical perspective, but make you aware about their role in the process of scientific literacy and the democratization of scientific knowledge. The professional press that covers C & T & I need to be able to produce qualified journalistic material, but at the same time should be aware of the lobbies and extra-scientific interests that constrain the production and dissemination of science.

**Keywords:** Journalism; Formation of a Science Journalist; Lobby and Extra-Scientific Interests.

### 1 Introdução

Toda tentativa que visa propor parâmetros para a formação em uma competência específica deve estar respaldada em alguns pressupostos como, por exemplo, o entendimento claro do território que esta competência circunscreve, das funções desempenhadas pelos profissionais que a exercem e dos desafios impostos pelo mercado e pela sociedade.

Neste sentido, é preciso, de imediato, que tenhamos clareza sobre o que se espera, como contribuição e até mesmo como papel ou missão, do jornalista científico, objeto aqui do nosso estudo e reflexão .

Simplificadamente, podemos dizer que o jornalista científico é o profissional que, sistemática e regularmente, se dedica à produção de notícias/reportagens, (ou outros gêneros jornalísticos), que têm como foco prioritário a ciência, a tecnologia e a inovação (C&T&I). Ele é,

---

<sup>1</sup> Jornalista, professor do Programa de Comunicação Social da UMESp, com mestrado e doutorado em Comunicação, editor de oito portais especializados em Comunicação/Jornalismo, um deles em Jornalismo Científico. Ex-presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), diretor da Comtexto Comunicação e Pesquisa e da Mojoara Editorial. E-mail: wilson@comtexto.com.br.

portanto, o protagonista principal de uma especialização ou de uma modalidade jornalística comumente denominada de Jornalismo Científico.

O Jornalismo Científico diz respeito ao processo de circulação de informações de C&T&I formatadas para atender a uma audiência não qualificada, ou seja, o público leigo. Ele tem algumas características singulares: estas informações são, prioritariamente, veiculadas pelos meios de comunicação de massa (1) e obedecem ao sistema de produção jornalística, ou seja compõem o chamado “discurso jornalístico” . Desta forma, ele se distingue tanto da Comunicação Científica como da Divulgação Científica no seu sentido mais amplo, definindo-se como um de seus casos particulares.

A Comunicação Científica se refere “à transferência de informações científicas, tecnológicas ou associadas às inovações, elaboradas a partir de um discurso especializado e dirigidas a um público seletivo, formado por especialistas.” (BUENO, 2009, p.160) e está fora da alçada do jornalista científico. Ela se materializa em periódicos acadêmico-científicos, em eventos científicos (congressos, simpósios etc) e é produzida por pesquisadores ou cientistas.

A Divulgação Científica, embora também esteja voltada para o cidadão comum, não se limita ao Jornalismo Científico porque inclui outras instâncias de produção distintas do jornalismo:

Na prática, a divulgação científica não está restrita aos meios de comunicação de massa. .. (ela) inclui não só os jornais, revistas, rádio, TV ou mesmo o jornalismo on line, mas também os livros didáticos, as palestras de cientistas ou pesquisadores abertas ao público leigo, o uso de histórias em quadrinhos ou de folhetos para veiculação de informações científicas (encontráveis com facilidade na área da saúde/Medicina), determinadas campanhas publicitárias ou de educação, espetáculos de teatro com a temática de ciência e tecnologia (relatando a vida de cientistas ilustres) e mesmo a literatura de cordel, amplamente difundida no Nordeste brasileiro. (BUENO, 2009, p.162)

O Jornalismo Científico cumpre uma série definida de objetivos e funções, que podem ser resumidos em: a) veicular fatos e informações de caráter científico e tecnológico que permitem ao cidadão comum estar em dia com o que acontece no universo da C&T&I e b) propiciar o debate sobre o impacto da ciência, da tecnologia e da inovação no mundo do trabalho, na economia, na cultura, na sociedade e também no cotidiano das pessoas.

Esses objetivos e funções merecem, de pronto, algumas considerações, visto que eles delimitam o papel do jornalista científico e sinalizam para os conhecimentos, posturas e práticas que devem ser observadas em sua formação. De maneira geral, eles podem ser analisados a partir de uma proposta que contempla uma competência técnica e uma atuação política, aqui entendida em sua perspectiva mais ampla. O jornalismo é, fundamentalmente, uma atividade comprometida

com o interesse público e, apesar da mudança recente na legislação que regula a atividade jornalística, continua sendo exercida por profissionais que detêm um diploma superior nesta área. Até há pouco tempo (e ainda pode haver uma reviravolta na legislação com o retorno à situação anterior), esta atividade era privativa dos formados em Jornalismo e isso sempre conferiu aos jornalistas uma responsabilidade da qual ela não pode se furtar.

## 2 A Competência Técnica

A expressão Jornalismo Científico não deixa dúvidas com respeito à competência técnica exigida para quem exerce esta atividade: a elaboração de material de caráter jornalístico de interesse dos cidadãos e que, ao mesmo tempo, contribui para a sua formação e informação. Isso significa que o profissional que se ocupa da veiculação de informações em C&T&I deve pautar o seu trabalho pelos critérios básicos que norteiam a “práxis” jornalística, objetivamente condicionada por um determinado sistema de produção, por uma cultura e um discurso particulares, e por espaços de inserção (ou ambientes de expressão) sobejamente conhecidos, como jornais e revistas, portais, emissoras de rádio e TV etc.

O jornalismo, seja ele científico, ambiental, esportivo, político, econômico etc, pressupõe alguns princípios, técnicas ou rotinas de trabalho que não podem ser ignorados e que constituem o “ethos” da atividade.

Embora se possa reconhecer que alguns destes atributos estejam sofrendo alterações ao longo do tempo, em virtude de mudanças profundas no próprio perfil do negócio jornalístico (2), é razoável admitir que o jornalismo (pelo menos o “bom jornalismo”) se caracteriza pela difusão de informações qualificadas que atendem às demandas e expectativas da audiência.

Neste sentido, as várias etapas do processo de produção jornalística devem ser percorridas adequadamente e elas compreendem, fundamentalmente, a escolha da pauta ou assunto, a captação das informações (que inclui a seleção e o acesso às fontes), a elaboração do texto ou discurso (notícia, reportagem, editorial, coluna etc) e a edição final (que define o formato final da matéria jornalística, com a inclusão de recursos que potencializam o acesso da audiência, como os títulos ou chamadas, as imagens, os links para leituras complementares etc).

O jornalista, de maneira geral, independente de seu espaço particular de atuação (mídia impressa, eletrônica, assessorias de imprensa ou comunicação, redes sociais etc), precisa dispor da competência técnica para levar a bom termo estas etapas, sob pena de ver comprometido o seu trabalho.

Na prática, ele precisa ter conhecimentos mais do que óbvios sobre o assunto a ser explorado, estar capacitado para identificar as fontes que possam enriquecer a pauta, dominar a técnica da entrevista (presencial ou não) para interagir com elas, estar em condições de produzir um texto de qualidade e de gerenciar o contexto da exibição do seu trabalho ( processo de edição ) (3)

Para todas estas etapas, inúmeros desafios deverão ser vencidos. Ter consciência deles, saber como superá-los, é fundamental para o processo de formação de qualquer jornalista e do jornalista científico em particular.

O conhecimento do assunto ou pauta, notadamente em coberturas especializadas como a que tipifica a de C&T&I, pressupõe o domínio de conceitos, teorias e processos básicos, o que vai exigir do jornalista uma formação abrangente que lhe permita compreender as peculiaridades do sistema de produção científica, o método científico, a cultura e o discurso científico (que podem assumir características singulares em áreas ou campos específicos). Assim, é importante que o jornalista científico perceba as diferenças entre as chamadas ciências da natureza e as ciências humanas ou sociais. Elas se apropriam de métodos particulares, umbilicalmente identificados com o seu foco (ou objeto) de investigação, têm discursos com características bem definidas e inclusive estão associadas a perfis profissionais distintos. O educador, o físico, o comunicador, o médico, o agrônomo etc, enquanto pesquisadores, podem compartilhar atributos comuns (compromisso com o rigor científico e metodológico, por exemplo) mas utilizam um jargão técnico absolutamente particular ( de tal modo que um físico nuclear pode ter dificuldade para compreender a que está se referindo um oncologista e vice-versa), produzem discursos de natureza diversa (com maior ou menor eloquência, mais ou menos formais, com a utilização ou não de fórmulas matemáticas) e se reportam a técnicas não semelhantes (experimentos, sondagens de opinião, estudos culturais, análises de conteúdo ou discursos etc).

As características particulares da área de atuação dos profissionais destas diversas áreas influenciam o seu próprio perfil (psicológico,sócio-cultural) e, inclusive, acabam definindo formas de avaliação/percepção por parte do mercado e da sociedade.

As imagens dos jornalistas, dos físicos, dos médicos, dos advogados não se sobrepõem e culturas distintas os acabam avaliando de maneira distinta. Isso porque os cidadãos os vêem a partir de referências múltiplas, como o seu papel na sociedade, o seu nível de remuneração e prestígio etc. É fácil perceber como isso se dá, inclusive no momento em que os jovens escolhem as carreiras que pretendem seguir (o que pode ser constatado nitidamente pela procura dos cursos durante os processos de seleção das nossas principais universidades). É importante

destacar que essa imagem se altera ao longo do tempo e que as atividades ou os profissionais podem ganhar ou perder prestígio com o passar dos anos, em função de inúmeras circunstâncias (valorização da atividade pelo mercado de trabalho, por exemplo).

Para elaborar uma pauta competente em C&T&I, o jornalista científico precisa estar em dia com os principais temas destas áreas (segurança alimentar, cosmologia, clonagem e células-tronco, mudanças climáticas, energias alternativas etc) para que possa propor questões atuais e relevantes que estimulem o debate e a reflexão e contribuam efetivamente para o chamado processo de alfabetização científica.

Segundo Attico Chassot (2000, p.34), “poderíamos considerar a alfabetização científica como o conjunto de conhecimentos que facilitariam aos homens e mulheres fazer uma leitura do mundo onde vivem” e, mais ainda, como este próprio autor propõe: “seria desejável que os alfabetizados cientificamente não apenas tivessem facilitada a leitura do mundo em que vivem, mas entendessem as necessidades de transformá-lo, e transformá-lo para melhor (CHASSOT, 2000,p.34).

O compromisso com o processo de alfabetização científica, assim compreendido, nos reporta a uma outra dimensão do jornalismo científico, essencialmente política e de que nos iremos ocupar mais adiante nesse texto. Esta dimensão pressupõe que o jornalista não se afirme apenas como um mero reproduzidor mas como um produtor de informações que contribua para ampliar o debate sobre prioridades em C&T&I e que inclua o cidadão no processo de tomada de decisão.

### **3 De Discursos e Fontes em C&T&I**

A literatura da área tem chamado a atenção para a necessidade que o Jornalismo Científico tem de “decodificar o discurso científico”, o que significa reorganizá-lo, elaborá-lo para que possa ser acessível aos cidadãos que não se inserem no conjunto dos especialistas. Equivocamente, muitos estudiosos e profissionais (inclusive entre os que praticam e ensinam o Jornalismo Científico) acreditam que o texto jornalístico em C&T&I deva ser uma “tradução” do discurso ou da fala de cientistas e pesquisadores.

O equívoco se dá porque, na prática, o jornalismo (e também o Jornalismo Científico) não se resume a uma mera tradução, visto que se trata de um discurso muito particular, elaborado a partir de um sistema de produção também particular (que não se confunde obviamente com o da ciência e da tecnologia) e que atende a outras expectativas, como o de atrair ou sensibilizar a audiência e que, em muitos casos, se encaminha para o processo nem sempre competente ou

ético de espetacularização da notícia. Por este motivo, alguns temas (e não outros) acabam dominando as pautas jornalísticas nesta área e são muitas vezes trabalhados a partir de determinados focos que, necessariamente, não indicam maior interesse ou relevância do ponto de vista estritamente científico.

Jornalismo e ciência têm características distintas e, quando estabelecem uma parceria em prol da alfabetização científica, buscam harmonizar as diferenças de modo a atender ao interesse público. O que se espera do Jornalismo Científico é que ele qualifique as informações, confrontando-as a partir de fontes diversas e sobretudo que busque avaliar os compromissos e interesses subjacentes às notícias. Como temos apontado, esta postura não tem sido seguida à risca no Jornalismo Científico, por inúmeros motivos.

Algumas justificativas para esta displicência, equívoco ou omissão podem ser apontadas, como a falta de capacitação do profissional que cobre ciência e a tecnologia (vamos admitir que a situação tem melhorado bastante nos últimos anos), a relação desequilibrada entre o repórter e a fonte (afinal de contas, o especialista é o outro!) e a aceleração do processo de produção jornalística, que atropela a coleta e a "checagem" das informações.

Podemos apontar, no entanto, um outro motivo, que nos parece fundamental e que está subjacente à prática do jornalismo científico: a aparente neutralidade da fonte. (BUENO, 2011)

#### **4 A Atuação Política**

Em virtude dos interesses e compromissos daqueles que patrocinam a ciência e a tecnologia no mundo moderno e da evidente relação com as fontes, é imperioso estar atento à ação dos lobbies.

A visão moderna que contempla a ciência e a tecnologia como mercadorias tende a desmistificar a perspectiva secular que as associava ao interesse público, como se estivessem a serviço da humanidade, identificadas com a noção de progresso. Hoje, esta leitura deve ser refeita porque, cada vez mais, empresas e governos se apropriam da ciência e da tecnologia com o objetivo de garantir privilégios e exclusividades (elas, portanto, não circulam livremente como se postulava), de subjugar os adversários e de fazer prevalecer os seus interesses. Os exemplos se contam às dezenas, mas é fácil identificar essa perspectiva não cidadã e monopolista da ciência e da tecnologia "a serviço de" em segmentos como a indústria bélica, da saúde, agroquímica e de biotecnologia, entre muitos outros. A contrapartida do chamado progresso técnico é, quase sempre, o monopólio (o das sementes por empresas transgênicas como pretende a Monsanto, por exemplo), a exclusão (há países que podem e os que não podem desenvolver tecnologia) e a espionagem (o jogo para vencer a concorrência é pesado mesmo e não descarta o suborno, a espionagem, o assassinato etc). (4)

O controle da ciência e da tecnologia se estende também ao processo de circulação de informações, com denúncias recorrentes de assédio e manipulação de importantes publicações científicas por empresas privadas, quase sempre com a cumplicidade de "cientistas/pesquisadores" sem escrúpulos. Esta é uma questão que a comunidade científica, muitas vezes, não gosta de debater e a imprensa de investigar, certamente por inúmeras razões. Mas a relação promíscua entre pessoas que se proclamam "da ciência" e os grandes interesses privados tem se aprofundado e, volta e meia, estão elas na mídia, nos congressos científicos e até no Parlamento fazendo lobby para corporações globais.

A imprensa - e os jornalistas em particular - bastante desatentos, não conseguem enxergar além da notícia e tomam informações contidas em releases gerados por entidades a serviço de interesses poderosos como verdadeiras. É ilustrativo analisar a ação do CIB - Conselho de Informações sobre Biotecnologia que se legitima como uma dessas fontes, visto que, travestido e/ou apoiado pela ciência, faz a apologia dos transgênicos e favorece as multinacionais da biotecnologia. A imprensa brasileira não consegue também perceber que as empresas que produzem sementes engenheiradas são as mesmas que dominam o mercado dos agrotóxicos (veneno e não remédio de planta!), embora, em seu discurso, tentem propor um antagonismo irreal.

A ação da Big Pharma, conjunto dos principais laboratórios farmacêuticos do mundo, também não tem sido percebida pela mídia, seduzida, geralmente, por notícias sobre medicamentos milagrosos, enquanto, por debaixo do tapete, as corporações inventam doenças, boicotam os genéricos, estendem patentes exauridas, quando não utilizam cidadãos em todo mundo como cobaias. Marcia Angel, professora de Harvard e ex-editora de uma das mais importantes revistas científicas da área médica, traz dados contundentes sobre um fato muitas vezes desconhecido: os grandes laboratórios investem mais em marketing do que em pesquisa em desenvolvimento e, particularmente nos países ricos, são grandes financiadores de campanhas eleitorais. (5)

A divulgação científica e o Jornalismo Científico em especial precisam estar mais politizados, incorporando outras vertentes além da meramente técnica (na verdade, pretensamente técnica) para que não sejam utilizados como espaços de consolidação de monopólios e cartéis de toda ordem.

Esta vigilância deve ser estendida também para os arautos das pseudociências que costumam freqüentar a mídia e que, apoiando-se na ingenuidade dos cidadãos, fazem apologia

das soluções miraculosas, especialmente na área da saúde, sem qualquer respaldo científico. Determinados veículos e programas jornalísticos no rádio e na televisão, por desconhecimento, sensacionalismo ou mesmo para aumentar as suas receitas com anúncios, acabam abrindo espaço para o charlatanismo, uma ameaça real para pessoas fragilizadas que, com dificuldade de acesso ao sistema de saúde tradicional, se tornam vulneráveis a terapias que não funcionam e adeptas da automedicação.

A formação do jornalista científico deve atentar para estas situações e incorporar um debate amplo sobre o avanço das pseudociências e a sua capacidade de sedução notadamente junto às pessoas simples ou desinformadas.

A atuação política do Jornalismo Científico deve também privilegiar uma função que tem sido relegada a segundo plano: despertar nos jovens a vocação para as ciências.

Os vestibulares para as nossas principais universidades têm, continuamente, apontado para uma realidade triste, mas incontestável: a procura por áreas tradicionais de ciências (Química, Física, Biologia, Matemática) continua declinando vigorosamente, enquanto outros campos do conhecimento e da prática profissional passam a merecer a atenção das novas gerações. A situação chega a ser alarmante e é fácil entender os motivos. A falta de interesse pelas ciências ditas básicas, nos vestibulares, significa uma oferta cada vez menor de professores, ou seja, se não há demanda no presente, não existirão docentes de Química, Física, Biologia ou Matemática no futuro próximo. Na verdade, o problema já se arrasta há algumas décadas e, infelizmente, o Governo ou os responsáveis pela implementação de uma política educacional que atenda aos interesses do País nada têm feito para solucioná-lo. Os jovens continuam (e continuarão) procurando as carreiras que lhes permitam obter maiores salários ou status, seguindo a orientação do mercado, com a participação decisiva da mídia. Ser professor, sobretudo nas áreas das ciências básicas, nas condições atuais, não é mesmo atraente. Afinal de contas, quanto ganha um professor nas escolas públicas (municipais, estaduais ou federais) e que respeito lhes devotam as autoridades do País? Que prestígio lhes atribuem o mercado e os governantes?

Ser professor de Física ou Química, imaginam os vestibulandos, não é tão estimulante como ser jornalista, publicitário ou médico, advogado ou profissional do Turismo, o que confirma a relação número de candidatos x vaga nos vestibulares das principais universidades brasileiras. Evidentemente, nada se pode fazer contra a escolha, porque, afinal de contas, ela se respalda numa realidade e numa imagem. O jovem vislumbra o seu futuro e não se enxerga numa sala de aula, muito menos pesquisando as ciências ditas tradicionais. E deveria? Não há, com certeza, uma solução fácil e rápida para o problema porque toda mudança, nessa

área, demanda tempo e um trabalho paciente de conscientização e sedução. Além disso, o dia a dia confirma a expectativa dos alunos. Com raras (e festejadas) exceções, o ensino de ciências nas nossas escolas não é estimulante, para o que contribuem a má formação dos professores e a dificuldade que têm de se atualizarem ou de lançarem mãos dos modernos recursos pedagógicos. Na sociedade da informação, ensinar ciências com cuspe e giz não é tarefa fácil para ninguém porque as gerações que aí estão requerem um novo tipo de aprendizado. Os velhos livros não seduzem os estudantes e pouco vale culpar os jovens por não freqüentarem as bibliotecas. Cada época tem a sua cultura e devemos tentar entender a atual para resgatar o próprio sentido do processo de aprendizagem. O Jornalismo Científico, dentro dos seus limites, pode contribuir para alterar este quadro desfavorável. Pode-se pensar, de imediato, em duas possibilidades: a) atuação competente dos meios de comunicação, consolidando uma prática democrática e saudável de divulgação científica; b) introdução de temas atuais e de material jornalístico (jornais e revistas, rádio, TV e internet na sala de aula).

A mídia, infelizmente, reforça a visão que os jovens têm da ciência e da tecnologia, particularmente dos atores que participam do seu processo de produção. A imagem do profissional de ciência nos meios de comunicação costuma ser estereotipado, como comprovam algumas pesquisas realizadas junto aos jovens e crianças: o cientista ou pesquisador é, geralmente, visto com um cidadão anti-social, que se isola do mundo e tem hábitos estranhos (cria Frankenstein, explode laboratórios, mora em cavernas, e, provavelmente, não tem família ou amigos). Sobretudo, é homem (para a mídia a ciência é uma atividade essencialmente masculina), alto, loiro e de olhos azuis. Como se vê, um perfil nada brasileiro e nada compatível com a situação do ensino. O jovem moderno não se enxerga desta forma e, por isso, não aspira ser um cientista ou pesquisador no futuro.

Se a mídia resgatasse o sentido autêntico da ciência, como uma aventura humana, repleta de adrenalina, voltada para a descoberta e para a realização do talento humano, talvez a imagem da ciência e do cientista ressurgisse de outra forma para as novas gerações. Para isso, será necessário que o Jornalismo Científico se liberte dos seus equívocos (vinculação aos grandes interesses, sobretudo) e que, ao invés de fazer a apologia dos resultados, destaque o processo de criação e de descoberta. Numa atividade em que parece tudo dar certo, onde só há ganhadores de prêmios Nobel ou gênios da lâmpada, não há mesmo espaço, imagina o jovem, para ele, apenas um cidadão comum. Ele deve pensar que ciência é coisa para “nerds”, o que bem poucos pretendem, efetivamente, ser.

Se a cobertura de ciência e tecnologia se encaminhasse para uma nova perspectiva, a imagem da ciência e do cientista poderia cativar os jovens e, com isso, prestaria um grande serviço tanto ao mundo da ciência como à sociedade. Outra forma de contribuir para despertar a vocação científica seria revitalizar o ensino de ciências, capacitando os professores e promovendo o debate de temas atuais (clonagem, mudanças climáticas, transgênicos, biopirataria etc) em sala de aula. Como as novas gerações curtem o mundo da comunicação, seria importante trazer para a sala os jornais, as revistas e principalmente a televisão e a internet. Boas reportagens, bons sites, vídeos competentes etc teriam o condão de despertar nos jovens o gosto pela descoberta. A ciência, seus conceitos, sua história, precisam ser descobertos pelos jovens num processo que concilie prazer, entretenimento e interação.

O Jornalismo Científico pode contribuir para despertar a vocação científica, mas, para isso, precisa estar sintonizado com essa necessidade e integrar uma política ampla de divulgação científica sob a responsabilidade das várias esferas do Governo (federal, estadual ou municipal).

## **5 Considerações Finais**

A formação do jornalista científico, portanto, precisa superar a instância meramente técnica e incluir uma perspectiva inter e multidisciplinar. Para isso, é fundamental que a grade curricular dos cursos de jornalismo abra espaço para que os grandes temas de C&T&I sejam debatidos, analisados de forma abrangente, o que significa que mereçam contextualização e levem a conta as dimensões social, cultural e econômica.

Além das disciplinas básicas voltadas para a produção da notícia/reportagem, já encontradas nos cursos de jornalismo, é essencial que outras sejam oferecidas, mesmo que de maneira não obrigatória, como as de Filosofia da Ciência, História da Ciência, Sociologia da Ciência, Método e Pesquisa Científica etc. Atenção também deve ser dada para o debate sobre Ciência e Cidadania e sobre as políticas brasileiras de C&T&I e de Divulgação Científica.

O jornalista científico deve ser capaz de produzir informações qualificadas mas também de identificar os compromissos das fontes que subsidiam o seu trabalho. Necessariamente, precisa estar ciente da ação dos lobbies empresariais ou políticos que definem os rumos da produção científica no Brasil e no exterior e estar comprometido com a alfabetização científica e a democratização do conhecimento.

Como estamos ainda muito distantes desta situação (menos de 10% dos cursos de jornalismo incluem a disciplina de Jornalismo Científico como obrigatória ou mesmo optativa),

há ainda um longo caminho a se percorrido. Na verdade, ele só será trilhado se as principais universidades, os órgãos que financiam a pesquisa no Brasil (as Fundações de Amparo à Pesquisa, a Capes, o CNPq etc) e as associações/sociedades científicas (Academia Brasileira de Ciências, SBPC, entre outras) estiverem também comprometidos com o esforço de inclusão dos cidadãos no debate sobre a importância e o impacto da C&T&I na sociedade.

A capacitação do jornalista científico deve ser pensada como estratégica em uma política global de comunicação para a cidadania e não pode mais ser adiada. Espera-se que a comunidade científica, os veículos, os empresários da comunicação, as entidades representativas do jornalismo, as universidades e a sociedade estejam dispostos a estabelecer finalmente uma parceria para que ela se concretize.

### **Notas**

- 1) O Jornalismo Científico não se limita à grande imprensa, mas está hoje sendo praticado nas revistas segmentadas, nas assessorias de universidades e de órgãos voltados para a produção da ciência, tecnologia e inovação e mesmo em portais e blogs disponíveis na Web. As novas tecnologias propiciaram o surgimento de newsletters e publicações eletrônicas que alargaram bastante o espaço para a expressão do Jornalismo Científico.
- 2) A aproximação entre a redação e o departamento comercial de veículos e emissoras compromete a informação jornalística de maneira geral, e em particular a informação sobre C&T&I, porque muitas notícias/reportagens acabam reféns de interesses empresariais que patrocinam as publicações. Elas são pautadas por “gente de fora das redações” e, neste sentido, promovem produtos e serviços sem qualquer espírito crítico.
- 3) Como a ciência e a tecnologia, com raras exceções (cadernos e editorias específicos, revistas e programas de divulgação científica), não ocupam lugar de destaque nos veículos e emissoras, as notícias/reportagens desta área são relegadas a um segundo plano e necessariamente não merecem atenção especial no processo final de edição. Muitas são deslocadas para lugares menos nobres das edições, não são competentemente ilustradas, não merecem chamadas de capa ou na abertura dos telejornais, caracterizando-se por sistemática invisibilidade.
- 4) Ler a este respeito a obra de Marie- Monique Robin, **O mundo segundo a Monsanto**, publicado pela Radical Livros em 2008. A obra relata em detalhes a ação da multinacional das sementes e a sua relação com o poder político.
- 5) Vale a pena consultar a obra de Marcia Angell , **A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos**, publicada pela Editora Record, em 2009, particularmente os capítulos 3 (Quanto

a indústria farmacêutica realmente gasta em P&D?) 8 (Marketing disfarçado de informação educativa) e 9 (Marketing disfarçado de pesquisa).

## Referências

ACUÑA, F. El periodista científico como educador. IN: **Memória do I Congresso Iberoamericano de Periodismo Científico**. Caracas/Venezuela: Circulo de Periodismo Científico, 1974.

ANGELL, Marcia. **A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos. Como somos enganados e o que podemos fazer a respeito**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BUENO, Wilson da Costa. As fontes comprometidas no Jornalismo Científico. In: PORTO, Cristiane de Magalhães; BROTAS, Antonio Marcos Pereira e BORTOLIERO, Simone Terezinha (org). **Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 55-72.

BUENO, Wilson da Costa. O jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma longa trajetória. In: PORTO, Cristiane de Magalhães (org). **Difusão e cultura científica: alguns recortes**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 113-125.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Científico: revisitando o conceito. IN: Victor, Cilene; CALDAS, Graça e BORTOLIERO, Simone (org). **Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: All Print, 2009, p.157-178.

BUENO, Wilson da Costa. Imprensa, ciência e sociedade: a mediação ideológica do jornalismo científico. **Cadernos de Jornalismo Científico**, São Paulo: ABJC, v.1.n1, 1981.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. Ijuí/RS: Editora Unijuí, 2000.

GOLDFIELD, J. Humanidade na ciência: uma perspectiva e um apelo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 5 junho 1978. Suplemento Cultural.

HERNANDO, Manuel Calvo. **Periodismo científico**. Madrid/Espanha: Editora Paraninfo, 1977.

LANZ, R. Responsabilidade ética do cientista. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 8 maio 1978. Suplemento Cultural.

MASSARANI, Luisa; TURNEY, Jon e MOREIRA, Ildeu de Castro. **Terra incógnita: a interface entre ciência e público**. Rio de Janeiro: UFRJ/Fiocruz, 2005.

MASSARANI, Luisa; TURNEY, Jon e MOREIRA, Ildeu de Castro. **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/Fiocruz, 2002.

REIS, José. A divulgação científica e o ensino. **Ciência e Cultura**, São Paulo: SBPC, v.16, n.4, 1964.

ROBIN, Marie-Monique. **O mundo segundo a Monsanto**. São Paulo: Radical Livros, 2008.

THIOLLENT, M. Sobre o jornalismo científico e sua possível orientação numa perspectiva de avaliação social da tecnologia. In: **Memória do 4º Congresso Iberoamericano de Periodismo Científico**. São Paulo:ABJC, 1984.

VERGA, Alberto. El periodismo científico en el desarrollo de los pueblos. In: **Memória do I Congresso Iberoamericano de Periodismo Científico**. Caracas/Venezuela:Círculo de Periodismo Científico, 1974.